



**MEMÓRIA E IMAGINÁRIO EM “OS DESVALIDOS”,  
DE FRANCISCO J. C. DANTAS**

Manuella Mirna Enéas de Nazaré (UFPE)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho teoriza sobre a memória e sobre o imaginário, e investiga essas instâncias em jogo na narrativa de “Os desvalidos”, publicada em 1993 por Francisco J. C. Dantas. Com esse aporte teórico, percebemos nessa obra: memórias coletivas da cultura que formou as personagens, bem como memórias individuais; arquétipos tradicionais do regionalismo nordestino e temas dessa tradição literária; imaginários coletivos e individuais que dialogam com essa cultura e com as complexidades humanas das personagens. Tudo isso é trabalhado em dinâmica contemporânea, de atualização e transformação desses estatutos. Sendo assim, essa reflexão torna-se importante para a teoria e crítica literárias contemporâneas.

**Palavras-chave:** Memória; Imaginário; Literatura; Regional.

### **Introdução**


Uma obra de arte pode ser vista como um diálogo aberto estabelecido entre a subjetividade de um autor e as condições sociais e naturais da época e do local na qual é produzida. Dentro dessa perspectiva, a literatura abre caminho para que se trate das complexidades em torno dos sujeitos, como dos objetos que constroem a memória, e das várias demandas do real em relação a um passado que se presentifica em imaginário, sempre atualizado.

Assim, as dimensões humanas das personagens de uma obra, o papel da memória, as representações do imaginário são maneiras de ler criticamente a literatura. Focando a lente sobre as produções literárias de fins do século XX até hoje, percebe-se o quanto essas ferramentas podem ajudar, visto que a humanidade passou por mais mudanças drásticas diante da intensificação do capitalismo, da globalização e das novas tecnologias, com consequências continentais e regionais, de maiores e de menores proporções sobre os indivíduos e suas manifestações de cultura. Nesse processo, a memória é uma das poucas colunas ainda erguidas diante do mundo tantas vezes abalado. É, sobretudo, a consciência de uma referência anterior, independente de como fora erguida. E perceber os movimentos do imaginário nos permite também entender as certas (re)modelações que a literatura contemporânea veio fazendo nessa fase.

“Os desvalidos” é um romance polifônico que nasce de memórias, retratando os (dês)caminhos de Coriolano – e de amigos e familiares –, que teve sua cidade invadida

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFPE), com ênfase em estudos literários, Mestre em Literatura (UFPE) e Doutoranda na mesma área (UFPE), ambos com a orientação do Prof. Dr. Lourival Holanda (UFPE). Contato: manuella.eneas@gmail.com.



por Lampião, mas conseguira fugir, deixando para trás sua terra natal, para a qual sempre se assombra a voltar; e os descaminhos de Lampião, que, na sua humanidade, sofre, teme, se arrepende, se decepciona e atua na forma de vida a que se viu levado a viver.


Desde o começo da narrativa, observamos que a obra dialoga com arquétipos, temáticas e imaginários da tradição regional na ficção brasileira, atualizando ou desdizendo o que a tradição havia dito. Mas isso tem uma motivação. Percebemos que ao operar essas reconstruções sobre o povo e o cenário sertanejo, ele intensifica as dimensões humanas, complexas e dinâmicas, das personagens. Portanto, o imaginário regional nordestino é acionado para ser reinventado e problematizado com o homem presente e o mundo moderno, relendo e atualizando a ficção brasileira dessa tradição através de arquétipos, tópicos, memórias e imaginários da tradição regional nordestina e temas consagrados – como a migração, o cangaço, a desvalia do ser humano – a partir de uma linguagem trabalhada entre memórias e angústias individuais.

Destacamos que a universalidade do indivíduo é o que comanda os supostos elementos regionais dessa obra, uma vez que o único lema que rege a trajetória das personagens é o de serem patrões de si mesmos. “Os desvalidos” fala de sonhos não realizados, do desejo de validar a própria história, da angústia de não conseguir mudá-la, de medos, mágoas, incompreensões, humilhações, privações e solidão, dramas que não são exclusivas dos sertanejos ou do sertão.

### **Breve apanhado teórico: memória e imaginário**

Memória é necessidade de resguardo. Mas pensá-la na contemporaneidade pode parecer anacrônico. Walter Benjamin (1987), ao falar do narrador, comenta a singularidade de a modernidade recorrer à memória, ligada à tradição, à retórica, ao coletivo, às narrativas, pois seria esse um tempo de individualismos, de subjetivismos, em que não caberia a voz da memória nesse sentido de coletividade e tradição.

Pensando o pós-moderno – fase que Benjamin não assistiu –, ele mostra-se mais individualista em outra medida, pois a globalização e o capitalismo financeiro tende a homogeneizar os homens, a agrupá-los em estereótipos, o que parece dar ao indivíduo uma sensação de abandono, de desvalia. Mesmo assim, o tempo pós-moderno é grande cultivador da memória, com outras motivações, costumando ver nela uma ferramenta de



busca de identificações, busca que para Bauman (1998) é fundante do homem pós-moderno.


Segundo Olmi (2006), a memória está ligada à formação identitária do indivíduo, sendo ela um meio de compreender a construção das suas identidades a partir do resgate, do entendimento das origens. Considerando que na pós-modernidade, para Hall (2006), o indivíduo se encontra fragmentado identitariamente, haja vista os processos sociais, econômicos e de poder dessa fase a interferirem na sua constituição, esse voltar ao passado seria uma solução satisfatória.

A memória, além de construção e entendimento também pode oferecer reconstrução das verdades chegadas através do tempo e difundidas para o futuro. Nesse sentido de remodelação, Ferreira (2003) adverte que a memória tem suas armadilhas, muitas vezes políticas, de colaborar para o reguardo, com o intuito da legitimação, ou para o esquecimento, intencional e motivado, de determinados dados da memória cultural coletiva.

Essa reflexão com base nas intenções de um poder político traz à tona a falsa ideia de identidades autênticas – autenticidade que não existiria no presente, como reflete Huyssen (2014) –, que, na verdade, participam do que Aleida Assmann (2011) chama de funcionalidades da memória.

Uma memória seria funcional porque, ao se orientar para o passado, “ela segue rastros soterrados e muitos até esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade” (ASSMANN, 2011, p. 53). Nesse sentido, a autora entende que a memória está relacionada a projetos identitários, a interpretações do presente e a pretensões de validade. Então, a partir de um determinado presente, ilumina-se um passado específico que tem um horizonte prévio de futuro.

Cabe pensar que a memória está ligada à história entendida como preservação, dando a questionar essa ideia com a de invenção, para a qual conceitos como *invented traditions*, de Eric Hobsbawn, e *imagined communities*, de Benedict Anderson, oferecem grande suporte. Assmann (2011) percebe que eles deram nova perspectiva à relação entre formação nacional e recordação histórica, e filia-se a essas pesquisas, ao se interessarem pelo que ela chama de ficções culturais menos sob o aspecto de falsificações infundadas e mais sob o aspecto do que ela chama de mitos histórico-significantes. Isso quer dizer que a memória ligada à invenção no processo histórico



estaria a favor da formação e construção de identidades nacionais, fenômeno que peca por redução e acerta pela criação.


Nesse contexto, memória também está ligada à monumentalização e à patrimonialização de ideias, bem como de imagens e de culturas, como reflete Néstor Garcia Canclini (1990). Isso lembra a analogia que Assmann (2011) faz de memória como caneta (fixação permanente), escrita que registra e legitima. Canclini (1990) percebe o caráter de construto e de teatralização em toda tradição, o que, sem o devido cuidado de uma adequada política cultural, tende a transformar-se em monumento e patrimônio, no sentido de institucionalização fascinada de *tradicionalismos reducionistas*.

Há que se perceber também na memória, esse olhar para trás como forma de ver o presente, uma postura contemporânea. Giorgio Agamben (2009) diz que o olhar contemporâneo volta-se sobre o presente buscando perceber suas obscuridades, sabendo que, para entendê-las, é preciso um olhar inatual, anacrônico, um distanciamento do presente para perceber melhor suas intenções. Assim, compreende-se o tempo contemporâneo em uma perspectiva relacional, como diz Teixeira Coelho (2011); um tempo que se mostra entre um “cedo demais”, um “demasiado tarde” e um que “ainda não é”, apenas é, nas palavras de Agamben (2009).

Teixeira Coelho (2011) chama atenção de que esse é um novo modo de sentir e ver o mundo, um espírito novo que traz a necessidade de revisão do que foi/é. Em conexo com a ideia de que hoje toda verdade se faz em mosaico, não em retórica. Não mais se admite a leitura de tradição desligada de seu fundamentalismo latente, que não aceita identidades cambiantes, interpretações plurais e diversidade cultural, nem crítica ou ironia; tudo o que é caro ao contemporâneo, observante da relação do que já foi com o que está na ordem dos dias.

Nessa linha de pensamentos, a ideia de memória como motor do agir e da autointerpretação contribui para a de imaginário, no que ele tem de reguardo e de invenção, de receptáculo e de construção, de significante e operador de significados. Assim, memória e imaginário estariam ligados à cristalização e à formação de verdades acessíveis aos indivíduos, individualmente e socialmente.

É interessante notar que, como lembra Joachim et al (2011), isso se liga à ideia de criação literária de Freud, de que surge uma ocasião no presente, a qual se estende à



recordação de um evento do passado e juntos edificam uma relação com o futuro. Procedimento como análogo ao mito, que remete a um profundo desejo de humanidade e não é efêmero, é sempre novo, sempre atualizável, a fim de responder às expectativas de uma sociedade. Isso porque o mito se narra, se interpreta e se reconstrói em um agora e um aqui dinâmico; ele se repete, mas se reformula. É assim que uma narrativa agrada ou seduz uma sociedade, porque responde a uma espera inconsciente e profunda.


Como afirma Joseph Campbell (2008), há um mito para cada época, pois cada uma traz suas demandas para ele, sendo renovado sempre. Isso dá mostras do caráter ativo e dinâmico da memória, e possível do imaginário, pois, como afirma Joachim et al (2011), ambos mexem com o sistema mítico de um povo, o que atesta, inclusive, o poder subversivo da literatura.

Ao enxergar essa dinâmica e esse possível sob o olhar contemporâneo exposto por Agamben (2009), as reconstruções operadas pela memória e pelo imaginário se justificam. Assim, imaginário pode ser entendido como a força imaginativa ou criadora de que fala Frye (2000). Para Joachim et al (2011), isso significa que imaginário humano é uma energia vital inalienável das configurações de sentido.

A perspectiva antropológica sobre o imaginário de Gilbert Durand amplia a visão, conforme Wunenburger (2007), e o entende como tensão de coesão entre as forças neurobiológicas e as culturais, postas em um estruturalismo figurativo. Assim entendido, o imaginário estaria essencialmente identificado com o mito, constituindo o primeiro substrato da vida mental, até que se incluiria em um trajeto antropológico mais amplo, o que faz do imaginário um mundo de representações.

Carl Jung, por sua vez, entendeu o imaginário aliado ao que chamou de inconsciente coletivo, desenvolvendo o conceito de arquétipo, importante para entender o imaginário, que consiste em estruturas das imagens primordiais do inconsciente coletivo, unindo o imaginário e esquemas puramente subjetivos a processos racionais e imagens concretas da percepção. Já Bachelard, entende o imaginário em seu dinamismo criador, como potência poética das imagens, a potência da palavra humana que emerge do inconsciente coletivo, desvinculando-se do biográfico. (JOACHIM et al, 2011).

Encaminhando-nos para o fim dessa seleção e síntese teórica, Castoriadis (2004) pode nos dar outra importante contribuição acerca de imaginário. Ele entende o imaginário como representação da história da humanidade, e ambos surgindo por haver



uma coletividade humana. Nesse contexto, o autor traz o conceito de imaginário social instituinte, que produz as instituições animadas por significações através de uma potência de criação imanente às coletividades humanas e aos indivíduos, fugindo, assim, do imaginário dentro de uma ideia natural de criação (imaginário coletivo). Uma vez criadas, tanto as significações imaginárias sociais quanto as instituições se cristalizariam no seio social, o que asseguraria a continuidade da sociedade através da regulação dela.


Castoriadis (2004) fala em imaginário particular, onde estaria a essência da psiquê humana, um fluxo incessante de representações, desejos e afetos, sem lógica necessária ou reguladora. A socialização é que faria com que os indivíduos absorvessem a instituição da sociedade e suas significações, ajustando-se. Para ele, assim, a cultura é o domínio do imaginário em essência (poiética), que vai além do instrumental (funcional).

Wunemburger (2007) vê o imaginário se apresentar como uma esfera de representação e afetos profundamente ambivalente, cheia de erros e ilusões, bem como de revelações de verdades. Mas seja uma ambivalência, seja ele significações instituintes, seja potência criadora, inconsciente de uma coletividade, estrutura antropológica figurativa extremamente representacional, seja força vital configuradora de sentido, o imaginário ressoa, transpassa, significa e representa sentidos vários que atravessam tempo, espaço e indivíduos, sendo capaz de se transformar como o mito. Seu poder é inegável, sua dinâmica é criadora, assim como a memória.

#### **Nas memórias e no imaginário de “Os desvalidos”**

Essa obra constitui-se de duas partes narradas a partir da morte de Lampião, que toma a voz na segunda parte. A primeira parte é movida pelo desejo de Coriolano escrever um cordel sobre sua vida, dos seus feitos, inspirado pelo imaginário tradicional nordestino em torno da figura do cordel como depositário e difusor de aventuras e lições humanas. Porém, já no começo, percebe que as letras não fluem diante do real:

Mal principiou a encoivar as primeiras linhas, tanta era a ambição de se contar, que a coisa pareceu até que ia. Com a mão empapada em sentimento, engatava uma frase atrás da outra, e mais por paixão e necessidade de dizer, do que por pachorra de inventar, se deixou ir nessa faina, forrando a desgraça de entusiasmo, afogado num redemoinho de ideias e palavras que lhe arrebatava os anéis do coração. Mas assim que parou pra se reler, entendeu que se afastava do caminho, e passou de contente a machucado, suando pra se tornar raso e linheiro, vassalo da mais estrita verdade! Não queria destorcer o



rumo verdadeiro da má sorte dos amigos, nem se render ao visgo da fantasia. A bitola aumentada dos folhetos que decorara é tudo que não queria! Mas parece que se viciara na leitura de tanto descalabro e muita inventação, pois quanto mais se empinava em direiteza, caprichando em espremer e tornar enxutas as suas exatidões, mais era traído pelo chamado da rima, e a coisa saía desenxabida, desacertada com a pisada do tom. Negocinho invocado! Metido nesse rolo, parecia ter o dedo do diabo! Não eram esses lances falsos o que queria contar! Precisava era de termos que chamegassem de vida! (DANTAS, 2012, p. 25).


Mas a vida está no que escapa ao dizível, no que não se diz com a denotação. Coriolano inventa, mesmo sem querer, o imaginário enquanto energia de criação irrompe. Se ergue o poder da imaginação simbólica em detrimento da concretude das experiências humanas, que, na verdade, são reduzidas se lidas apenas racionalmente. Impõe-se o poder do ficcional em uma instância e da caixa ressonante que é o imaginário.

No fim da sua tentativa, percebe que não há motivos para um cordel, pois sua vida não é condizente com esse tipo de narrativa, ele não teria o que mostrar. “Passou o trecho daqueles dias molestado como agora está, entalado que nem uma cobra papapinto a engolir um sapão. Bonito saldo, Coriolano! Bonito, hem?!” (DANTAS, 2012, p. 139). O homem é fraco, frágil de ideias e de experiências. O narrador equilibrado e exemplar de Benjamin (1987) se desmonta, dando mostras ao narrador pós-moderno que nos traz Silviano Santiago (1989), na problemática e crise de falar de si mesmo, considerando-se sem heroísmos, sem representação possível no dizível.

Durante a narrativa de Coriolano, percebemos o quanto a memória move as personagens, não as definindo no sentido da redução, mas participando de uma ambição pessoal de busca do bem-estar. No entanto, é possível ver, nesse olhar para o passado, muitos conflitos íntimos e desgostos frutos da inconciliação das suas subjetividades anteriores com as atuais, bem como das suas escolhas individuais com as estruturas culturais que o formaram, das tradições que recebeu direta ou indiretamente:

E agora estou aqui como um pamonha a remoer o passado, nesta turvação que me empeçonha e desregula o tino, de cabeça entalada, zanzando à toa sem me resolver. Torno ou não torno ao Aribé? Todo novo dia acha que sim, e se consome a fazer planos que se espedaçam em sensações atrapalhadas. Acodem-lhe de misturada as curvaturas que a gente mais necessitada endereçava, aqui, ao boticário; a catanga do pai estaqueado a bico de urubu, na mesma casa do Aribé onde ele, Coriolano, esfolou as mãos no cabo da enxada e





depois viria a construir a sua melhoria, o seu sossego, partilhando a mais leal camaradagem. Compadre Zerramo, tio Felipe, Lampião, todos eles aí se engancharam em seu destino; os dois primeiros, lhe passando a mais limpa amizade, o mel da vida; e este famigerado, a mais sacana violência, a agonia mais crucificada. De modo que ali se refez e se desfez, tudo ganhou e perdeu! E daí o destempero nesta cabeça onde agora enxameiam unas saudades, um vazio amolentado, uma pontada que também lhe pega o peito, uma agitação, uma ruindade a futucar desinquieta! E nem sequer ter sabença pra botar isso num folheto contando tudo certinho! Um jumento, é o que é! Emburreceu! Seria um alívio para as cordas da alma! Ah, se seria. (DANTAS, 2012, p. 58-59).


Olhar para o passado, o Aribé, é busca de respostas, mas não quer dizer encontrá-las, pois implica também achar desacertos e entrar em contato com uma dimensão mal resolvida da memória e do seu imaginário particular. Essa percepção em relação à memória nos leva a perceber que a busca individual das personagens é o norte do seu olhar para o passado, presente ou futuro.

Nessa perspectiva, o imaginário tradicional coletivo é atualizado pela medida da dimensão humana dinâmica das personagens, questionando antigos estatutos e costumes. As personagens são homens donos de si, seus desejos movem suas escolhas, não é a tradição ou as honras da moral social. Coriolano, ao falar da alma livre do seu tio Felipe, diz que:

Se lhe faltar serviço em alguma praça onde monte a tenda, pode muito bem passar adiante, ir bater em outra freguesia, que o mundo de deus é grande, e as fronteiras dos estados são marcadas para se cruzar. E já se dá até uma certa satisfação de ir perdendo aquela gente de vista, maginando as conversa animadas que pela frente. (DANTAS, 2012, p. 103).

Nesse contexto de conflituosas ressonâncias subjetivas e culturais, os imaginários em torno dos territórios sagrados da região nordestina vão sendo rompidos. O sertão nostálgico e honroso se desfaz. Coriolano, por exemplo, encontra outras paragens mais a contento em outro lugar, “mal comparando com o sertão, donde enjoou até o bafo do vento, com as rabanadas esturricadas que traziam o festo das carniças e lhe davam engulho, aquela beira de rio lhe encheu a barriga e lhe valeu de sereno refrigério.” (DANTAS, 2012, p. 106). Ao mesmo tempo, o imaginário do sertão seco e infértil vai sendo tomado por um lugar onde há uma grande sombra debaixo do umbuzeiro, e frutos graúdos e carnudos de jaqueira, com que se enlambuzam. Assim como o imaginário do






sertão bronco e inculto é substituído por uma possibilidade de realidade em que se lê *As mil e uma noites e Os doze pares de França*. (DANTAS, 2012).

Vale ressaltar também que as personagens foram infelizes no sertão da obra não pela miséria ou por determinismos geográficos desse território-persona do regionalismo brasileiro, mas por suas escolhas humanas equivocadas. Aqui, o sertão não tem o poder de prender ou assombrar as personagens como costumou ter, o que as segura são as memórias mal conciliadas, os imaginários mal digeridos ou não atualizados. Assim, as personagens não se prendem a ele e dele se põem, inclusive, a sair, se prendem é a si mesmos, a seus medos, angústias e culpas, como a de Coriolano de ter abandonado o pai velho e sozinho em casa para ir fazer sua própria história. Viver e fazer escolhas geram fios graves, funcionando como imagens e memórias que perseguem as personagens, infelizes.

Dessa maneira, nessa obra contemporânea em que saltam as complexidades das memórias e dos imaginários humanos – seja individual ou coletivamente –, as denotações não dão conta das complexidades, o ambiente é pano de fundo. Salta o como lidar com as memórias que prendem as personagens a seus passados individuais ou as que as atam pelos pés ao passado cultural do seu povo; e o como obedecer ou romper com os imaginários coletivos instituídos em relação a uma tradição – sempre forjas particulares das possibilidades do imaginário humano.

O imaginário coletivo tradicional sobre o beato, importante figura na cultura popular nordestina, também é desconstruído. Na obra, é o próprio Padim Ciço quem seduz Lampião a exercer seu veneno em nome de Deus, por motivações pessoais e políticas do santo:

a ele, Virgulino Lampião, era concedida a honrosa encomenda de arrancar a cabeça do tal Prestes, com quem o governo sozinho mostrara que não podia; que ele fosse desempear em nome de Deus a fedentina do anticristo que cuspi na religião e no país. [...] Que se fosse de uma vez com todo o bando ali abençoado, que se apressasse a honrar a liberdade e a permissão que lhe dava o seu governo, mas que saísse logo à caça pra desagrává-lo, e que lhe trouxesse num pano de saco aquela encomenda decepada do inimigo impostor – senão... o maioral se zangava e tudo tornava atrás! E ele, Padim Ciço, um miúdo servo do Senhor, lavaria as mãos como Pilatos que mais nada podia, entregando tudinho aos grandes da nação. (DANTAS, 2012, p. 179-180).



Lampião fica estarelecido e decepcionado com seu querido Padim. Assim, essa obra, o imaginário em torno da valentia e impiedade do famigerado Lampião e seu bando também é posto em questionamento. Na segunda parte da narrativa, em que a voz de Lampião aparece, o assistimos lamentar seu destino de sangue, colocando-se como vítima da sua vida, a que fora levado por decepções e sofrimentos. Se sente:

Traído... sempre traído! E quantas vezes! Parece até que a história dos homens se apura por aí. [...] Pelo menos foi esta a paga que sempre recebi dos grandolões, a quem servi em erro, engabelado, pensando que em nome dos leprentos cobrava mercedos desagravos de ponto de honra, quando na verdade fazia era punir sem justiça um ou outro sujeito de bom calibre e boa raça que não sabia viver de focinho varrendo o chão. (DANTAS, 2012, 172).

E, já o temido bando de lampião, observado nos bastidores da ação por Coriolano, o faz sentir que:


Aquela gente lhe pareceu tão desinfeliz, tão carecida das necessidades mais rudimentares e indispensáveis a qualquer vivente, que por um momento ele se sentiu uma criatura sortuda e bem provisionada, apesar de só ter certo de seu o diabo da cacunda. Era uma calamidade! Só tinham mesmo em grandeza os embornais entupidos de munição. (DANTAS, 2012, p. 128).

Os rompimentos nos imaginários tradicionais da cultura regionalista nordestina vão se fazendo de acordo com a necessidade humana das personagens se buscarem, se compreenderem atingirem paz interior e sucesso pessoal. Da mesma forma, as memórias coletivas tradicionais acionadas pelas personagens vão sendo feitas pelas motivações pessoais de suas intenções e dúvidas.

Esse questionamento de estatutos tradicionais do regionalismo literário nordestino é importante para a teoria e para a crítica literárias contemporâneas, pois o olhar contemporâneo funciona e age em um tempo relacional que atende às demandas e às urgências da sociedade, da arte, do humano.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.



ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da Pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMPBELL, Joseph. *Mito e Transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

CANCLINI, Néstor García. El porvenir del pasado. In: \_\_\_\_\_. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Editorial Grijalbo, 1990.


CASTORIADIS, Cornelius. Imaginário e imaginação na encruzilhada. In: \_\_\_\_\_. *Figuras do pensável: as encruzilhadas do labirinto*. Volume VI. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

COELHO, Teixeira. *Moderno pós moderno: modos e versões*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

DANTAS, Francisco J. C. *Os desvalidos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

FRYE, Northrop. O imaginativo e o imaginário. In: \_\_\_\_\_. *Fábulas de identidade: estudos de mitologia poética*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.



HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraeira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

JOACHIM, Sébastien et al. Saber do imaginário e saber do mito. In: \_\_\_\_\_. *Hermenêutica do imaginário*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SANTIAGO, Silviano. O Narrador Pós-moderno. In: *Nas Malhas da Letra*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.